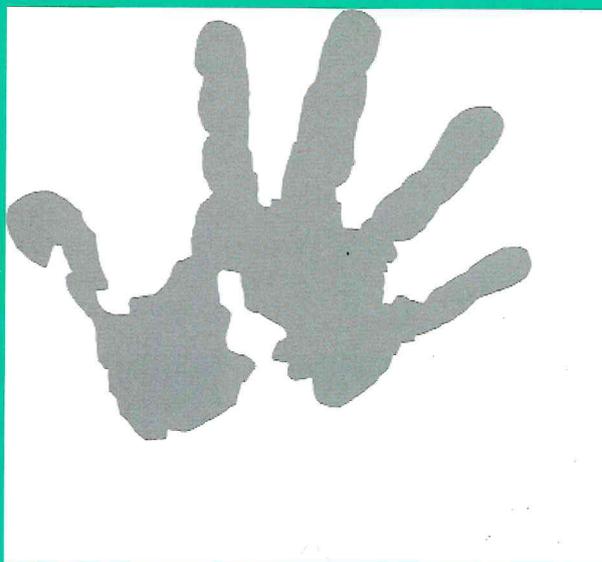


Uma outra escola: a Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, seus alunos pequenos e a gestão democrática



REVISTAGALEGA
DE EDUCAÇÃO
PUBLICACIÓN DE NOVA ESCOLA GALEGA

ISSN: 1132-8932
Páx. 64-67

Vivian Batista da Silva

Rita de Cassia Gallego

Paula Perin Vicentini

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)

vivianbs@yahoo.com
rita-gallego@hotmail.com
paulavicentini91@gmail.com

“Chegam as férias, mas na porta da escola reúnem-se meninos e meninas que gritam: - Deixem a gente entrar! Não queremos férias, queremos ir à escola! O contínuo fica discutindo com eles, mas não adianta. E eu fico no meu gabinete, não sei de nada, porque estou preenchendo uns papéis. Mas eis que chega o contínuo. Ele bate na porta, e eu digo: - Pode entrar. E ele: - Senhor diretor, as crianças se rebelaram, não querem férias. Respondo: - Não se preocupe, vou logo acalmá-las. Chego à porta. Estou sorrindo. Não zangado. Explico: - Férias são férias. Os professores precisam descansar. Porque quando estão cansados ficam irritados e gritam com as crianças. Conversa vai, conversa vem, concluímos: eles podem vir brincar no pátio, mas terão de se responsabilizar de que não haverá bagunça.” (Korczak, 1981, p.17-18)¹

O trecho é de um livro escrito por Janusz Korczak (1878-1942), traduzido para o português e publicado em São Paulo, em 1981, com o título **Quando eu voltar a ser criança**. O autor se coloca como porta-voz dos pequenos num texto muito tocante, principalmente para nós, educadores. Korczak é conhecido hoje como um professor inovador, com uma obra que inspira muito do que hoje denominamos como **escolas democráticas**. É sobre uma dessas escolas que queremos falar, justamente porque vem construindo em sua história experiências de **gestão democrática**, que não são postas apenas à di-

¹ Janusz Korczak (Varsóvia, 1879- Campo de extermínio judeo de Treblinka, 1942) foi um destacadíssimo médico, psicólogo e sobre todo educador polaco, autor de numerosos textos, e impulsor desde 1912 de dous fogares da infância para orfos em Varsóvia. Como director destas institucións, baixo a influencia dos grandes autores da Escola Nova como Dewey, Decroly ou Montessori, foi un grande defensor dos dereitos da infancia e morreu gaseado en Treblinka por ter acompañado aos nos orfos xudeos.

reção, coordenação ou aos professores. Essas experiências se estendem a todos, inclusive aos alunos. É nesse sentido que a Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo se coloca como "uma outra escola". Ela possui uma estrutura de gestão peculiarmente diferente da maioria das escolas públicas do Estado de São Paulo.

As suas origens encontram-se na criação de uma classe experimental de 1º ano primário associada ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo Professor Queiroz Filho (CRPE-SP). A partir dessa classe foi constituída, em agosto de 1958, a Escola Experimental com o objetivo de realizar ensaios de técnicas de ensino, bem como oferecer cursos de aperfeiçoamento para professores, inclusive de outros países, por meio de convênio estabelecido com a UNESCO. Reconhecida por suas experiências e por suas propostas pedagógicas diferenciadas, a Escola Experimental, denominada Escola de Demonstração a partir de 1962,

representava a possibilidade de um ensino público de qualidade. Extinto o CRPE, a Escola vinculou-se à Faculdade de Educação e, desde 1973, passou a se chamar Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (doravante EAFEUSP), mantendo seu caráter de importante centro para pesquisas na área educacional e espaço privilegiado para estágios de futuros educadores.

Sem dúvida, concretizar a **gestão democrática** é um dos maiores desafios e compõe importantes conquistas. Atualmente, a Escola conta com mais de 700 estudantes e funciona em dois períodos escolares (manhã e tarde), divididos nas turmas que vão do primeiro ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Esses níveis de ensino compõem a chamada Educação Básica no Brasil, atendendo desde crianças com 6 anos de idade até os adolescentes, antes do ingresso no Ensino Superior. Todos os alunos, independentemente de sua ida-

de, são chamados a participar das várias decisões da escola.

São três as instâncias de participação e deliberação democrática na Escola de Aplicação FEUSP: a Associação de Pais e Mestres (APM-EA), o Grêmio Estudantil e o Conselho de Escola. Poderíamos com isso falar de muitas experiências, mas escolhemos aqui as experiências dos estudantes mais jovens da escola, que acabaram de ingressar no Ensino Fundamental. É claro que uma escola democrática precisa pensar em toda sua estrutura de funcionamento. Apenas para se ter uma ideia, na Escola de Aplicação, os gestores (direção e vice direção) são eleitos de dois em dois anos a partir da candidatura de seus professores ou docentes. O que se quer com isso é inverter uma lógica de chefia e de relações hierárquicas historicamente arraigadas nas escolas. Quando pensamos especificamente nos alunos e no espaço da sala de aula, uma perspectiva como essa assume contornos ainda mais desafiadores porque o aluno costuma ser visto como



uma personagem a quem cabe obedecer e seguir ordens. Muitas vezes sequer reconhecemos que ele exerce um ofício, embora não seja remunerado por isso.

As classes de primeiro ano da Escola de Aplicação são marcadas pela gestão democrática, o tempo todo. São 3 turmas, cada uma com 20 alunos. Essas vagas estão distribuídas entre filhos de professores e funcionários da Faculdade de Educação e de outras unidades da USP, bem como de crianças da comunidade externa à instituição, que concorreram e foram sorteados. A Escola reconhece e valoriza as diferentes histórias de todos, em seus diferentes momentos. Alguns ingressam no primeiro ano do Ensino Fundamental tendo frequentado a Educação Infantil desde 4 meses de vida. Outros ficaram menos tempo na Educação Infantil. Nem todos vieram das mesmas escolas. Alguns já conseguem ler e escrever algumas palavras, outros têm um contato menor com a língua escrita. Os primeiros anos da Escola de Aplicação são, por

isso, espaços de encontros de diferentes histórias de vida e escolarização. Eles colocam desafios especiais, que incluem o ensino dos conteúdos curriculares e das práticas de gestão democrática.

Nesse contexto, o professor tem papel nuclear na situação pedagógica (Garcia e Bueno, 1998), embora a participação dos alunos e da comunidade escolar nas discussões e encaminhamentos coletivos, inclusive no que se refere à decisões referentes a questões educacionais, sejam bem-vindas. Essa perspectiva exige um olhar específico para os alunos mais jovens da Escola de Aplicação, de modo que eles possam ser iniciados nas regras de convivência coletiva e possam aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça e não-violência (Paro, 2011). As *Assembleias de Classe*, que cada uma das 3 turmas de primeiro ano vêm construindo, colocam-se como uma das alternativas. Através delas o que se quer é que os alunos possam ex-

perimentar uma forma mais democrática de lidar com os conflitos. Elas permitem que o grupo registre seus problemas, discuta sobre eles e procure encontrar soluções (Morgado, 2013; Puig, 2000).

Cada turma vem instituindo seus tempos e espaços para realizar suas Assembleias. Isso depende do próprio ritmo da turma e dos desafios aos quais cada uma responde. Em geral, as Assembleias são semanais e podem acontecer reuniões extraordinárias quando necessário. Vale lembrar também a preocupação em garantir que haja espaço físico suficiente para os alunos sentarem em círculo, o que permite que eles se vejam o tempo todo da Assembleia. Eles também são responsáveis por trazer os assuntos a serem discutidos. As Assembleias são, portanto, práticas organizadas e reguladas cujo objetivo é dar voz aos alunos, ensinando-lhes a conviverem em grupo, respeitarem o Outro e sentirem-se acolhidos nessa dinâmica (Morgado, 2013)

A Assembleia é um exemplo fértil e inspirador. Em vários momentos de suas trajetórias, os alunos são informados da vida e dos desafios da escola (Morgado, 2013). Desde que foi criada, ela vem sendo reconhecida pelo seu pioneirismo e qualidade. Hoje, ela passa por dificuldades geradas pela diminuição das verbas destinadas às suas atividades, à aposentadoria de professores, sem a imediata possibilidade de contratação de novos docentes. Além de saberem desses desafios, os alunos também se mobilizam, junto com toda a escola, para reivindicar melhores condições. Suas relações com os colegas de classe e com a professora são marcados pelo diálogo. A fala de um dos alunos, com seis anos apenas, evidencia os efeitos desse tipo de relação. Em suas palavras, quando alguém faz "alguma coisa



errada", "a professora não briga, ela conversa". Os conflitos existem, como em toda escola, mas nas brigas entre os pequenos eles são chamados a exporem seus pontos-de-vista e muitas vezes se reconciliam. Eles também vêm aprendendo o cuidado com o que lhes pertence e com o que é do grupo. Essa é uma espécie de responsabilização pelo espaço da sala de aula, repleto de brinquedos, jogos, livros, organizados para serem usados por todos. Como diria Korczak (1981) no livro que mencionamos há pouco, eles devem "se responsabilizar de que não haverá bagunça". Porque viver em uma escola democrática significa conhecer, ter voz e ser responsável por si e pelo coletivo.

Na EAUSP, embora esse tipo de gestão esteja previsto e vivido, seus desafios perpassam permanentemente as mais variadas ações do cotidiano escolar, em seus ritos, na sua linguagem e nas vivências curriculares. Com suas conquistas e desafios, essas ações sempre levam a indagar o quanto se consegue criar um clima saudável, eficiente, democrático e estável na escola. Direção, docentes e alunos evidenciam alguns dos efeitos de uma gestão democrática na qual as pessoas da comunidade escolar têm liberdade de aprender, ensinar, pesquisar, votar, divulgar cultura, respeitar a diversidade e pluralismo de ideias. Dessa heterogeneidade emerge a necessidade de se refletir o tempo todo sobre os princípios da gestão democrática, em ações de diferentes níveis, desde aquelas tomadas pela direção da escola, passando inclusive pela resolução de conflitos entre os alunos, desde os mais novos que cursam a primeira série do Ensino Fundamental.

De fato, a **escola democrática** é uma ideia que povoa nossos discursos, mas que, ao mesmo tempo, coloca-se mais como

uma **utopia**. Temos a clareza de que algumas práticas estão presentes na escola há séculos, extremamente entranhadas nas maneiras como pensamos e vivemos nosso ofício. Entranhamos a ideia de que os alunos seguem as ordens dos adultos. Seria muito fácil descrever uma escola onde os alunos assistem às aulas e estudam o conteúdo escolar (Perrenoud, 1995). Porém, podemos estranhar ou até admirar uma escola onde os alunos também participam de outros tipos de decisões, que, na maior parte das vezes, costumam ser feitas apenas pelo corpo docente e pela direção. Quem de nós nunca imaginou uma escola realmente democrática? Uma escola onde todos têm voz: professores, direção, estudantes, pais e responsáveis, funcionários? Uma escola onde os pais são chamados às reuniões de classe, para saber quais foram as notas dos filhos, mas também para compreender a proposta pedagógica. Eles podem ser chamados também para pensar sobre as regras de convívio ou sobre soluções para problemas os mais variados que se pode ter no cotidiano... Uma escola onde os professores não são chamados a executar as ordens da equipe gestora, mas se articulam a ela de modo a garantir que as questões de ensino direcionem todas as ações de natureza mais administrativa... Uma escola que reconheça os funcionários da portaria, da limpeza, da secretaria como peças fundamentais e ativas na organização das tarefas que dão vida à ação educativa... Como "uma outra escola", a Escola de Aplicação pode nos colocar diante de questões que são comuns também a outras escolas e podem ser inspiradoras. Assim como as palavras de Korczak (1981), a Escola nos convida a repensar o processo educacional. Ambas valorizam as práticas democráticas e permitem que os pequenos também sejam res-

pensabilizados. Nesse caminho, quem sabe, as crianças gostem mais da escola e até sintam saudade dela quando estiverem de férias. ■

BIBLIOGRAFIA

- APLICAÇÃO, Escola. *Regimento Escolar*. 2009. <http://www2.ea.fe.usp.br/> Acesso 6 de junho de 2016.
- GARCIA, TÂNIA M. F. BRAGA; BUENO, BELMIRA AMÉLIA. Êxito escolar: as regras da interação na sala de aula. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 77, n.186, 1998, p.263-281.
- KORCZAK, JANUSZ. *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo: Summus Editorial, 1981.
- MORGADO, ROSANA DE FÁTIMA. Assembleias de Classe como forma de participação de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental na vida escolar. TCC, São Paulo: UNIVESP/NASCE, 2013.
- PARO, VÍTOR HENRIQUE. Autonomia do educando na Escola Fundamental: um tema negligenciado. *Educar em revista*. v. 41, 2011, p.197-213.
- PERRENOUD, PHILIPPE. *Ofício do aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora, 1995.
- PUIG, JOSEP. *Democracia e participação escolar*. São Paulo: Moderna, 2000.
- BISPO, VANDERLEI. *Democracia e Discurso Democrático na Gestão Escolar*. Doutorado em Educação. São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2011.